

O Sr. Conselheiro

11-Mai-2009

Há cerca de 15 anos, os trabalhadores da Manuel Pereira Roldão foram alvo de uma carga policial, digna dos tempos áureos do Estado Novo.

Era Ministro da Administração Interna, Manuel Dias Loureiro, um herói Português e Cavaquista convicto.

Artigo de Alice Brito

Há cerca de 15 anos, em Dezembro de 1994, os trabalhadores da Manuel Pereira Roldão, fábrica da Marinha Grande, foram alvo de uma carga policial, digna dos tempos áureos do Estado Novo.

Tinham salários em atraso, o que quer dizer que trabalhavam oito horas por dia, e no fim do mês, de vários meses, não lhes era paga a contraprestação remuneratória a que tinham direito.

Havia no ar um aroma de insolvência de contornos dolosos, que fazia pressentir a falência e o inevitável desemprego.

A polícia surgiu em alcateia, uma polícia ágil no bastão, e perseguiu e zurziu sem dó nem piedade os trabalhadores manifestantes, credores do seu salário de muitas horas sofridas a produzir o vidro, a alma industrial da Marinha Grande.

Alguns manifestantes fugiram para dentro do Quartel dos Bombeiros e a polícia entrou dentro do Quartel dos Bombeiros.

Outros fugiam para dentro da Igreja, talvez na suposição que por pudor e respeito a Polícia se absteria de aí entrar.

Mas a polícia, zelosa e obediente, que cumpria as ordens de quem dava ordens, entrou no recinto religioso e espancou com eficaz proficiência quem encontrou à frente, incluindo um padre.

As ruas aflitas da Marinha Grande testemunharam uma das cargas mais brutais de que há memória naquela localidade, palco de muita bastonada e massacre, com o dezoito de Janeiro gravado em cada pedra da calçada.

A polícia interveio precisamente ali no equador enraivecido, triste e empobrecido da produção vidreira.

Era Ministro da Administração Interna, Manuel Dias Loureiro, um herói Português e Cavaquista

convicto.

As cargas policiais da Marinha Grande,
a carga sobre os estudantes e na Ponte 25 de Abril, fazem parte do
ocaso Cavaquista, um ocaso quase patético, como o são todos os fins
urgentes.

O ministro arrogante e assertivo, foi
de imediato catapultado para um outro espaço, um território ocupado
com elegância pelos corsários da alta finança.

Começou a dormir à pressa, na ânsia
dos negócios, sem tempo para politizar, ele que tudo devia à
política, movimentando-se certo nas áreas febris dos off shores,
espaços virtuais muralhados por portas robustas e silenciosas, que
emprestam sigilo a todas as cumplicidades.

Com a frieza da ponderação e o gelo
do cálculo, ficou mais rico, pisando, com o à vontade possível de
todos os novatos, o chão aristocrata dos eleitos.

Assinou contratos, comprou e vendeu
empresas de entranhas falidas para escoar capital, e com um
insaciável apetite por tudo quanto era produto financeiro, vestiu-se
de sombras, aparecendo e desaparecendo em momentos chave, com uma
atlética vontade de sacar.

Hoje responde, com uma amnésia
proporcional ao dolo utilizado na devastação do falido BPN, perante
uma comissão Parlamentar de Inquérito.

A língua convicta, tão convicta que
enternece, sibila desmemórias.

Mas aqueles que na Marinha Grande
queriam defender o seu posto de trabalho e tiveram a audácia de
exigir o pagamento do seu salário, não esquecem, porque sentiram na
pele, a verticalidade do Sr. Conselheiro Dias Loureiro.

Alice Brito

{easycomments}